

CINEMATECA PORTUGUESA
21 de Janeiro de 2022
DOUBLE-BILL

HOTEL NEW YORK / 1984

Um filme de Jackie Raynal

Argumento: Jackie Raynal, a partir de uma ideia de Susanne Fenn / *Diálogos:* Gary Indiana / *Diretora de fotografia (16 mm, preto & branco e cor):* Babette Mangolte / *Cenários:* Nicole Klasbarn / *Música:* Lee Erwin / *Montagem:* Suzanne Fenn / *Interpretação:* Jackie Raynal (a mulher), Sid Geffen (o marido), Gary Indiana (o filho do marido), Suzanne Fenn, Sandee Seig, Jim Dratfield, Jonathan Rosenbaum, Bérénice Reynaud, Emil Forman.

Produção: Zanzibar Productions (Nova Iorque) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 16 mm e em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 52 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Roterdão, Janeiro de 1984 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 29 de Fevereiro de 1996, no âmbito do ciclo "A Volta ao Mundo em 80 Filmes".

O filme contém excertos de **Saturday Night at the Bath** (1976), de David Buckley e de **Sherlock Jr.** (1924), de Buster Keaton.

O filme é apresentado em "double-bill" com **TROUBLE IN PARADISE** (1932), de Ernst Lubitsch ("folha em separado).

Hotel New York expande e desenvolve um filme anterior da mesma realizadora, **New York Story** (1980), contido na sua quase totalidade na parte a preto e branco de **Hotel New York**. Esta versão definitiva da divertida e cruel "história nova-iorquina" de Jackie Raynal dá os antecedentes da protagonista do filme inicial (a chegada a Nova Iorque, o encontro com o futuro marido, a mútua sedução, o casamento) e houve quem lamentasse que ela tivesse dissolvido este filme numa estrutura comercial. Na realidade, Jackie Raynal conseguiu fundir muito bem dois filmes num só e a verve do trecho a cor abranda, sem dissolver, a história da mulher que pede ao marido mais velho que lhe arranje um amante ("*a young porto-riquense*"); o marido promete que o porto-riquense será "*juicy*", cumpre a promessa ("*que raio de dia, e ainda tenho que encontrar um amante para a minha mulher!*") e morre oportunamente.

Jackie Raynal começou por ser montadora em Paris (entre outros, de **Paris vu par...**), ingressou a seguir nos meios da vanguarda cinematográfica parisiense à roda de 1970, realizou um primeiro filme "experimental" em 1972, **Deux Fois**, que se tornou um clássico. Este filme pertence a toda uma constelação parisiense e warholiana, agrupada à volta da Zanzibar Films, que beneficiava da generosidade de uma mecenas milionária, Sylvina Boissonas. Além de Jackie Raynal, faziam parte do grupo nomes como Daniel Pommereule, Serge Bard, Patrick Deval e, como companheiro de viagem, o Philippe Garrel de **Le Lit de la Vierge** (a Cinemateca organizou um ciclo sobre este grupo no longínquo ano de 2007, "Zanzibar Films – Os Dandies de Maio de 68", com as presenças de Jackie Raynal e Patrick Deval). Logo a seguir à realização de **Deux Fois**, Jackie Raynal partiu para Nova Iorque, onde viveu por cerca de trinta anos e onde teve um itinerário análogo ao do seu personagem (o seu marido no filme que vamos ver foi um dos seus maridos na vida real). Enquanto houve espaço, e sem deixar de realizar **New York Story** e **Hotel New York**, foi programadora, tendo dirigido o Carnegie Hall Cinema e um dos mais míticos cinemas de arte da cidade, o Bleecker Street Cinema, nos últimos anos de existência da sala, ali apresentando filmes independentes americanos, filmes de Rivette e Eustache e filmes de outros países do mundo. Apesar da desapareição

progressiva das salas de arte em Nova Iorque Jackie Raynal conseguiu continuar a programar durante algum tempo, adaptando-se no entanto às realidades do momento, até que teve de fechar as portas, regressando então a Paris. Desde **Hotel New York**, nunca realizou outro filme, mas não fez este filme para fazer carreira de realizadora, mas porque tinha algo a dizer.

Interpretado com muita verve por amadores, a começar pela própria Jackie Raynal, que nunca foi atriz, **Hotel New York** é uma divertidíssima comédia negra, que contém um episódio típico do cinema independente nova-iorquino, em ruptura com as formas tradicionais, emoldurado por um episódio de fatura mais clássica, baseado no humor de situações, em que primam os personagens e o verbo. Na tradição da melhor comédia americana, os diálogos, são brilhantes e fazem do espectador um cúmplice imediato do filme. Estes diálogos foram escritos por uma das vedetas da crítica cinematográfica nova-iorquina de então, Gary Indiana e, a título de curiosidade, saiba-se que dois outros conhecidos críticos aparecem no filme: Jonathan Rosebaum, no seu próprio papel, e Bérénice Raynaud, no papel da amiga que consegue diminuir a renda do "quarto" que Loulou aluga na "comunidade" do Soho. Mas apesar da qualidade e do brilho dos diálogos, o humor não é engendrado por frases memoráveis, mas pelo modo como são mostradas, na primeira parte, duas maneiras diferentes de viver o quotidiano: a nova-iorquina e a francesa, com acentuado contraste entre o movimento espontâneo e o olhar crítico, entre o tom enfático dos nova-iorquinos e o tom neutro da protagonista, entre uma estrangeira que observa e os aborígenes que se comportam em estado natural. E na segunda parte, o humor deriva do tom e da verve com que são mostrados uma simples história que poderia ser terrível.

Numa entrevista, Jackie Raynal mencionou uma experiência que teve ao chegar a Nova Iorque: levou lençóis a uma lavandaria, e quando foi buscá-los o prédio em que se situava a lavandaria tinha sido demolido: *"a ideia de que os meus lençóis tivessem desaparecido junto com um prédio pareceu-me típica de Nova Iorque"*. A natureza transitória das coisas em Nova Iorque (*"construir, destruir, construir, destruir: a cidade é como um grande falo"*, acrescenta ela) atravessa todo o filme, a começar pelo título. Nada é fixo: a câmara mostra ruas de Soho, o *sky-line* da cidade, táxis, restaurantes, ruas anónimas e ao mesmo tempo inconfundíveis, aquelas ruas que não têm nome e sim números; Loulou passa de um *loft* a um barco e dali a um apartamento; de um debate com críticos de cinema (as coisas que dizem!) à montagem de filmes *soft-core* e depois à pintura amadora; a imagem passa da cor ao preto e branco, para voltar à cor no plano final do pedaço de carne, que foi objeto do sonho do personagem e cuja interpretação freudiana apresentada por Loulou acabou por acarretar a morte do marido.

Estando evidentemente nos antípodas do cinema industrial e da sua narração estereotipada e "teleguiada", **Hotel New York** é um daqueles filmes que concilia, no sentido mais literal e material, elementos formais do cinema independente com uma base narrativa. O enunciado do filme é realmente pessoal, o que também transparece na sua duração, inferior a uma hora (mas o filme não pode ter sido pensado para a televisão: que canal no mundo o programaria?). Depois de reivindicar o direito de ultrapassar os cem minutos standard do cinema industrial, muitos cineastas passaram a fazer filmes artificialmente longos, cuja duração não correspondia a nenhuma necessidade estrutural ou interior e o resultado foi a perda da precisão e da densidade. Este não é o caso de um filme cujo sentido talvez esteja resumido na frase do marido de Loulou, quando traz o jovem porto-riquenho, de que ela (supostamente?) já se tinha esquecido: *"Don't you remember? It's your dream! Your desire changed, but don't give up your dream"*

Antonio Rodrigues